

O Conceito de Beatitude em Santo Agostinho

Danilo Nobre dos Santos¹

Resumo:

A felicidade inquieta o homem desde os seus primórdios. Isto porque é ela que a vontade visa. Várias respostas sobre a felicidade foram dadas ao longo dos séculos. Uma dessas respostas nos propomos analisar. Inspirado na obra *A Vida Feliz*, nosso intento é ressaltar o que consiste a felicidade para Santo Agostinho. A primeira questão colocada em discussão no diálogo do autor com seus amigos é justamente sobre o que é a felicidade. Como pode o homem ser feliz? O que se deve fazer para alcançar felicidade? De que desfruta aquele que a alcança e a possui? Segundo Agostinho, a ciência é o alimento da alma e quem não a possui está como que em jejum e com fome. O homem necessita então do conhecimento das coisas para ser feliz. Precisa alimentar-se do conhecimento para alcançar a felicidade, visto que para o autor, descobrir a verdade é descobrir a felicidade. Mas aquele que descobre a verdade, busca a própria sabedoria. O que encontra o verdadeiro, o ama. Ora, a verdade última só pode ser aquele que se apresenta como a própria Verdade: Jesus Cristo. Assim, a felicidade que não se dá sem o conhecimento, e posto que o verdadeiro conhecimento é aquele que nos conduz a Verdade Suprema e, uma vez que, só atingimos tal verdade pelo amor, a felicidade é inseparável da Sabedoria e da Caridade.

Palavras-chave: Beatitude. Felicidade. Sabedoria. Caridade.

O CONCEITO DE BEATITUDE EM SANTO AGOSTINHO

A felicidade é um tema que sempre esteve presente nos questionamentos humanos. Por possuir vontade, o homem anseia a felicidade. Em sua obra *A Trindade*, Agostinho afirma que “é próprio de todos os homens quererem ser felizes...” (AGOSTINHO, 1995, p. 433). E a Filosofia, porque pesquisa as dimensões humanas, tem também como finalidade estudar a busca humana da felicidade.

A Sabedoria apresenta-se em Santo Agostinho, como aquela indissociável da Felicidade e do Amor. Nosso objetivo aqui é o de procurar entender como se dá esta união de saber, com posse da verdade que norteia o homem, agindo com caridade para ser feliz.

Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: - Por quem somos guiados até a

¹ Graduando em Filosofia pela Faculdade João Paulo II – FAJOPA. danilo.nobre@ig.com.br. Orientador: Prof. Dr. Ivonil Parra.

Verdade (o Pai); - e qual Verdade gozamos (o Filho); e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo)". (AGOSTINHO, 1998, p. 156-157).

Nossa abordagem se dá, em primeiro lugar, na definição de Felicidade que Agostinho apresenta em seu diálogo com sua mãe, filho e amigos na obra *A Vida Feliz*, exatamente acerca deste assunto. Nosso intento, primeiramente, é procurar perceber por onde e como o homem agostiniano busca e consegue ser feliz.

Mas o que é ser feliz? Para responder a esta questão, nos servimos de Gilson, que, supondo que felicidade consiste no gozo do que há de melhor para nós, salienta:

O que é este melhor? O que há de melhor para o homem não pode ser inferior ao homem, pois querer o que é inferior é diminuir-se. Ao contrário, poder-se-ia dizer que o que há de melhor para o homem é o próprio homem, se não houvesse nada de superior a ele que ele pudesse gozar com a certeza de não mais poder perdê-lo. (GILSON, 2007, p. 23-24).

Mas o que ou quem é superior ao homem? O que busca o homem agostiniano é um bem que satisfaça todo seu desejo e lhe conceda paz para sua inquietação, ou seja, algo superior a ele. (GILSON, 2007, p. 17). A concepção de felicidade a qual chegaremos, certamente, nos remeterá à Beatitude, o Sumo Bem, portanto, Superior ao homem, nossa principal meta de investigação.

POSSE DE DEUS

Os grandes filósofos da Antiguidade se dedicaram a abordar este assunto e definir a Filosofia como caminho que conduz à verdadeira Felicidade. Mas a principal dúvida que se nos interpela: o que vem a ser a própria felicidade?

Quais seus frutos e vantagens? Talvez o gozo, a glória para alguns ou a honra, o prazer e os privilégios para outros. É evidente que todos os homens, que por sua vez desejam ser felizes, estão sujeitos aos obstáculos da paixão da vanglória e do orgulho para chegarem à felicidade que almejam.

Agostinho, em seu diálogo sobre a Felicidade, já nos primeiros momentos, rompe com a tradição filosófica que afirmara até então que a Filosofia seria o porto da

felicidade, afirmando que esta se dá na posse de Deus e só ela produz e garante a verdadeira felicidade. (AGOSTINHO, 1998, p.114).

E por que Santo Agostinho deve acabar com essa noção de que a verdadeira felicidade repousaria na Filosofia? Simplesmente pelo fato de que se felicidade é a posse da Sabedoria e a Filosofia, apenas amiga da Sabedoria, disso decorre que a felicidade está além da Filosofia, que tem seu valor como busca de respostas, obviamente.

Ora, se sou amigo do saber, enquanto filósofo e não sábio, eu a busco, precisamente porque não a tenho, não a possuo em si mesma. Enfim, o que é de nosso interesse é o fato de que aquilo que a Filosofia ensina aos homens é o que pode torná-los felizes.

A posse de Deus é justamente o tema central nesta obra de Agostinho (*A Vida Feliz*), face a toda uma tradição que afirmara que a posse de outros bens criados é que trariam a felicidade ao homem. Vida Feliz é “dom de Deus”, logo, devemos buscá-la com modéstia e pedi-la para recebê-la. Aceitá-la é a forma de conquistá-la. (GILSON, 2007, p. 18).

Esta posse de Deus é, na verdade, um perder-se na divindade, o qual não se limita quanto a tempo ou espaço. Eis um ponto paradoxal: perder-se para ser feliz. É exatamente perder-se para encontrar a si mesmo, e assim, encontrar-se com Deus e possuí-lo. O encontro é um perder-se em Deus. Entretanto, é um perder-se de si que na verdade é encontrar-se a si. Neste encontro, perco as minhas particularidades, mas ao mesmo tempo, encontro-me comigo mesmo e com Deus, completando-me.

Este perder-se é o mesmo que desprender-se de si, contrariamente ao jovem rico do Evangelho de Mateus que, embora tendo se encontrado com o Mestre, se entristece e sai por possuir muitas coisas, não sendo capaz de se desprender dos bens materiais que possui².

O problema da Beatitude consiste em saber o que o homem deve desejar para ser feliz e como pode adquiri-lo (AGOSTINHO, 1998, p. 129). Desde o início do diálogo na obra *A Vida Feliz*, o que se define é que Felicidade se dá apenas no perfeito conhecimento de Deus. Mas este conhecimento é possível? Como pode o homem, finito, relativo e mutável, conhecer a Deus perfeitamente? Qual a relação existente entre

² Cf. Mateus 19, 16-22.

o homem e Deus? Pode o homem, ser feliz? Com o conceito de participação, observamos considerações relevantes para esta elucidação.

Participação em Deus

Deus, o Bem Supremo, Ser Absoluto, o único verdadeiramente digno do nome de Ser, confere existência às coisas por sua própria Bondade. A criação participa deste Sumo Bem, mas apenas como seres meramente participados. Todas as coisas criadas são boas e apontam para o Criador, pois são sinais impressos do Amor Divino.

O ser humano ocupa lugar elevado na criação, por possuir alma racional. É esta condição de ser racional que o qualifica a pertencer a um grau mais elevado entre os demais seres. Na ordem da criação, o homem encontra-se acima dos animais, das plantas e dos minerais. E fica abaixo apenas de Deus e dos anjos. Como assevera o próprio Agostinho:

Sendo, pois, Deus suma essência, isto é, sendo em sumo grau e, portanto, imutável, pôde dar o ser às coisas que criou do nada, não, porém, o ser em grau sumo, como é Ele. A umas deu ser superior, a outras, inferior, ordenando assim gradualmente as naturezas das essências. (AGOSTINHO, 1990, p.63).

Deus é o criador de todas as coisas. Toda criação é um ato livre da sua própria vontade. Por serem criadas, todas as coisas participam da perfeição divina. E a perfeição divina é o Bem Supremo. Logo, todas as coisas são boas por participarem de Deus e todas elas apontam para o Criador que é o Ser por excelência.

Deus é o único ser absoluto. Todos os outros seres são relativos. Nem deixam totalmente de existir, nem existem totalmente. Deus é imutável, e todas as outras coisas são mutáveis; por isso só Deus existe verdadeiramente. Se comparadas com Deus, as coisas não têm verdadeira existência (BOEHNER; GILSON, 2000, p. 146).

Todas as coisas visíveis e invisíveis foram criadas por Deus. Mas se Deus é o autor de todas as coisas, qual seria a causa de sua criação? Ora, toda vontade tem um objeto que lhe é próprio. Nos seres humanos, o desejo da vontade é um objeto exterior, exemplo disso é a busca da felicidade que determina toda ação humana, como estamos a investigar.

Em Deus, ao contrário da natureza humana, a vontade não pode ser determinada por algo exterior a Si mesmo, ou seja, ele encontra-se no próprio Deus e o objeto dessa vontade divina é a bondade. Logo, é evidente que a causa da criação é a própria bondade divina.

A criação é um ato da vontade de Deus. Se bem que a razão desse ato criativo seja a bondade divina, ele não é um efeito necessário dessa bondade. A vontade divina determina-se a si mesma. A criação é pois um ato livre de Deus. (BOEHNER; GILSON, 2000, p. 175).

No entanto, a criação não é por efeito uma necessidade, pois, se assim fosse, a criação seria boa em si mesma e, como tal, determinaria a vontade divina e, conseqüentemente, a criação não seria um ato livre de sua bondade. Seria ela condicionada, motivada por uma causa externa. Deus criou o mundo visando a essa Bondade, isto é, o mundo é bom por este ato livre da vontade d'Ele. O mundo tem sua razão de existir na bondade divina. Ora, é exatamente pela bondade divina que os seres, criados por Deus visando à sua bondade, participam de sua perfeição.

A participação para Agostinho é o modo pelo qual um ser pode se elevar à posse de uma perfeição que é superior à sua essência, mas com a condição de não possuir essa perfeição senão sob um modo limitado, proporcional à sua essência.

Por isso é que podemos afirmar que toda criatura expressa a bondade de Deus por participar da perfeição divina, ou seja, Deus é o Ser por excelência e todas as coisas criadas têm o ser, por participarem deste Ser de Deus. Portanto, Deus é por sua própria essência o Ser. A criatura, ao participar tem o ser, ou seja, participa da perfeição, da bondade de Deus.

Embora já existissem, antes da criação, no entendimento divino, na forma de idéias, todos os seres são caracterizados pelo que podemos chamar de dupla marca: Criados por Deus, porém oriundos do nada. Com isso, há uma disparidade, uma vez que todos os seres são bons porque foram criados por Deus que é a Bondade por excelência; ao mesmo tempo em que carregam certa imperfeição própria, por serem feitos do nada. (BOEHNER; GILSON, 2000, p. 176).

A QUEDA HUMANA E A ORIGEM DO MAL

A imperfeição presente nos seres advém exatamente desta dupla marca que ressaltamos no parágrafo anterior. Uma vez que foram criados por Deus, carregam

consigno a Bondade que emana do criador. Entretanto, impregna-se também a eles a imperfeição, geradora da lacuna existencial, por terem sido feitos do nada.

Vi claramente que as coisas corruptíveis são boas. Não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, ou se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas, não seriam corruptíveis. E se não fossem boas, nada haveria a corromper. A corrupção de fato é um mal, porém, não seria nociva se não diminuísse um bem real. Portanto, ou a corrupção não é um mal, o que é impossível, ou – e isto é certo- tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição de bem. Mas privadas de todo bem, deixariam inteiramente de existir. Se de fato continuassem a existir sem que pudessem corromper-se, seriam melhores, porque permaneceriam incorruptíveis. Mas haverá maior absurdo do que afirmar que as coisas se tornariam melhores perdendo todo o bem? Portanto, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. (AGOSTINHO, 2004, p. 191-192).

Esta deficiência nos seres é ontológica, faz parte de sua própria natureza e constitui seu modo de existir, sua essência e é por isso que para Santo Agostinho e em toda a Filosofia Medieval, não é possível conceber uma perfeição no homem decaído. Pelo contrário, este é marcado, cindido, limitado por sua própria condição de ser decaído.

Cada ser, à medida que não é idêntico ao Criador, ou seja, trata-se de uma finitude irrecorrível com impossibilidade metafísica de ser plenamente – o que está reservado apenas ao Criador – carece de perfeição. Esta falha ou carência é o mal, privação de um bem. O mal, portanto, em si mesmo, não existe e também não pode originar-se de Deus, uma vez que tudo o que Ele criou é sumamente bom. (NOVAES FILHO, 1997, p. 71).

Para exemplificar esta exposição, o episódio de Adão e Eva no Paraíso, presente nas Sagradas Escrituras, serve-nos para mostrar nitidamente como se alarga ainda mais este vazio, mediante a passagem da narrativa em que Deus, que cobre o homem de carinho e amor, o avisa de sua condição de imperfeito. O criador informa à criatura, que por sua vez era perfeito no estado adâmico, sua fragilidade para que dela tenha consciência e dessa forma, se contente com o que é.

O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. Deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore do bem o do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente.” (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 2, 15-17).

Todavia, vemos que o homem, por orgulho, achando-se igual a Deus, decai, dessemelhando-se d’Ele, aumentando em si esta lacuna, a ausência do Ser de Deus, no qual ele participa. O homem, definitivamente, não entendeu que ser criado à imagem e semelhança de Deus seria justamente ser diferente de Deus. Não ser, em hipótese alguma, igual a Ele.

O querer ser Deus, querer ter o conhecimento pleno das coisas, conhecer o bem e o mal, como é a proposta da serpente na alegoria, que representa a imortalidade, à qual ele se deixa sucumbir, é o que faz com que este homem sofra a queda, refugiando-se em si mesmo, sinta vergonha e se esconda, se afaste de Deus.

E eis que ouviram o barulho (dos passos) do Senhor Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, e disse-lhe: “Onde estás?” E ele respondeu: “Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e ocultei-me.” (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis, 3, 8-10).

Quando o homem quer ser igual a Deus, ele cai. Esta carência gerada no homem o leva a uma busca por algo outrora oferecido por Deus: a própria felicidade, agora, perdida pela queda. Assim, o homem decaído encontra-se envolto às trevas, como que cego para sua perfeição dada gratuita e amorosamente por Deus.

Ele conhece então a escuridão, a sombra, a ausência de luz que lhe causa solidão e por isso se encontra humilhado diante de Deus exatamente “à hora da brisa da tarde”, como sustenta o texto de Gênesis. A noite bíblica tem esta conotação para mostrar o momento das trevas, da noite escura, onde nada se vê, não se sabendo para onde se deve caminhar, que rumo tomar e qual o caminho a seguir.

Perde-se o norte, desaparecem todas as expectativas de amor sonhadas para o homem criado pelo Deus de Amor. Enfim, o homem se sente inteiramente só, dependente, envergonhado, acuado a si mesmo, passando então a carecer de satisfações. Necessita sentir-se amado, respeitado, bem visto e quisto. Ele perde-se em meio às

formosuras exteriores de outros seres tão defeituosos quanto ele, disforme, ou seja, sem a forma de Deus, que o criou e lhe conferiu o ser.

Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora!
Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas.
Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti
as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem.
(AGOSTINHO, 2004, p. 299).

Perdido, sem rumo, busca encontrar o que perdera em tantos lugares, em vão, sem conseguir, em nenhum deles, encontrar. Entrega-se aos deleites mais longínquos e tortuosos, distanciando-se cada vez mais de si mesmo e de Deus. A alma abandona o bem universal em preferência aos interesses particulares.

Tudo o que o orgulho pretende fazer, levado pelo seu próprio interesse é contra as leis que governam o mundo, e é feito por meio do corpo, ao qual o homem domina apenas imparcialmente. Cheia de complacência pelas formas e movimentos corpóreos e não os possuindo em seu próprio interior, envolve-se com as imagens fixadas na memória, e mancha-se com torpeza numa fornicção da imaginação, direcionando todas as suas atividades a esses fins.
(AGOSTINHO, 1995, p. 378).

O fim da alma passa a estar em si mesma. Ela acaba por diminuir-se exatamente por desejar algo muito maior que ela: a totalidade do universo. Busca apenas as coisas corporais, temporais e passageiras pelos próprios sentidos, colocando aí a finalidade de sua felicidade. Engana-se, achando que se basta a si mesma, por suas próprias forças e vontade. A conseqüência disso é: torna-se escrava de si mesma.

A liberdade do homem consiste em realizar sua natureza, correspondendo à vontade divina, agora, isto é, após o pecado original, estando sua natureza corrompida, o homem necessariamente peca, a não ser que libertado por Deus: sua liberdade passa a depender de uma restauração da natureza. (NOVAES FILHO, 1997, p. 4).

Antes da queda, o homem era livre, havia nele uma indiferença da vontade. Porém, a partir do momento em que o homem quebra sua aliança com Deus, após sua queda, sua vontade, condicionalmente, tende para o mal. Conforme constatamos no comentário que Agostinho faz acerca da Carta aos Romanos e aos Gálatas, escrita por Paulo de Tarso, aludido por Novaes Filho:

O livre arbítrio, portanto, era perfeito no primeiro homem, mas em nós, antes da graça, o arbítrio não é livre para que não pequemos, mas apenas para que não queiramos pecar. É a graça que faz com que não apenas queiramos agir retamente, mas também possamos, não com nossas forças, mas com o auxílio do libertador, o qual nos concede a paz na perfeita ressurreição, paz pela qual se obtém a vontade boa perfeita. (NOVAES FILHO, 1997, p. 90)³.

Quem não possui a Deus está na miséria e indignidade. Esta é uma conclusão a que chegam os que dialogam com Agostinho em sua obra *A Vida Feliz* (AGOSTINHO, 1998, p. 144-145). Na verdade, embora tenhamos algumas experiências (indiretas) com Deus por meio de sua graça, naquilo que Ele se nos testemunha, ainda não contemplamos sua essência, certamente. Bem como, não alcançamos nossa plenitude de espírito, ou seja, ainda não fizemos a experiência de nos aproximar d'Aquele que para nós é o insondável.

Logo, também não possuímos nem Sabedoria, nem Beatitude, uma vez que só poderemos afirmar que temos vida feliz mediante o conhecimento perfeito do Espírito Santo, aquele que nos conduz à Verdade. Assim, a Beatitude perfeita não é deste mundo (AGOSTINHO, 1998, p. 156-157).

É a fim de encontrar-se consigo mesmo e com Deus que Santo Agostinho sustenta que se faz necessária uma incansável busca, conforme ele mesmo relata em sua obra *Confissões*, depois de tê-la experimentado. É por meio dela que o homem alcança a felicidade para a vida presente e a Beatitude para a eternidade.

Na obra *Confissões*, observamos a grande pergunta que permeia esta sua autobiografia: Quem sou eu? É uma pergunta existencial exatamente porque Santo Agostinho se sente perdido, vazio, como homem decaído de Deus.

Como responder a um coração inquieto, mas que tem consciência que só se aquietará quando repousar em Deus?

[...] o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de que resistes aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. (AGOSTINHO, 2004, p. 19).

³AGOSTINHO apud NOVAES FILHO em sua tese de Doutorado. **Expositio quarundam propositionum ex epitola ad Romanos liber unus**. Sancti Aurelii Augustini OPERA AMNIA III, opera et studio MONACHORUM ORDINIS SANCTI BENEDICTI e Congregatione S. Mauri, Paris, 1841. Tradução feita do Latim para o Português por Novaes Filho.

Este repouso em Deus é também repouso em si mesmo, uma vez que é possível ao homem conhecer, primeiramente adentrando a si, em sua interioridade, para depois chegar ao conhecimento de Deus, que por sua vez, é a própria Beatitude. Nesta interioridade, vemos que Agostinho apresenta o Mestre interior como aquele que ilumina a razão humana e a faz ter conhecimento das coisas.

Enfim, o que podemos por ora considerar é que, segundo Santo Agostinho, a felicidade se dá plenamente mediante a posse de Deus. Por mais que o homem busque satisfações fora de si, é exatamente em seu seio que ela repousa, dentro de si. Jesus Cristo é o Mestre que ilumina e faz o homem chegar ao conhecimento da Verdade e assim, ser feliz.

Referências

AGOSTINHO, S. *A vida feliz*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Parte II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. (Federação Agostiniana Brasileira).

_____. *Confissões*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *A Trindade*. 2. ed. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

BOENNER, P.; GILSON, E. *História da filosofia cristã*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.

NOVAES FILHO, M. *O Livre arbítrio da vontade humana e a presciência divina, segundo Agostinho de Hipona*. São Paulo, 1997. (Tese de Doutorado da USP).